

O Para Francisco já conta com uma boa lista de *fioretti* dentre os quais escolhemos um para iniciar a apresentação deste número da nossa Revista: *Desejo uma Igreja pobre, com os pobres, nas periferias. A Igreja precisa curar as feridas, aquecer o coração dos fiéis, estar próxima do povo e com os pobres e ser como o Bom Samaritano.*

Nesta mesma linha de pensamento, o Documento de Aparecida apresenta a missão e a própria identidade da Igreja dentro deste clima de ir ao outro e superar os encastelamentos de todo tipo. Talvez até seja uma atitude profundamente humana a de buscar algo como ‘minha casa, minha vida’, mas há também nisto o risco de achar que se deva ficar sempre dentro dela e esquecer os caminhos e os vizinhos. Nesta dinâmica, portanto, ir ao encontro do outro requer de um lado a admissão de sua existência enquanto tal e por outro lado, a admissão também que esta sua própria existência é um desafio à nossa. Por isso, o diálogo sempre nos transforma, por mais que julguemos ser completos e plenos.

Neste número o prezado leitor encontrará num primeiro momento uma série de artigos relacionados à missionologia contemporânea. Roberto Marinucci inicialmente, nos apresenta um pouco da história do pensar missionológico dos últimos tempos. Sérgio Ricardo Coutinho levanta uma série de questões interessantes especialmente no que diz respeito ao uso que fazemos de alguns conceitos centrais na vida missionária. Joachim Andrade apresenta as alterações da dinâmica missionária, que chega à modalidade do *inter-gentes*, ou seja, superar a atitude de invasor e chegar a ser ‘um bom hóspede’. Paulo Suess levanta uma questão interessante quanto à superação do aspecto da simples persuasão na missão e reflete sobre a *atração de Deus*. Márcio Fabri dos Anjos tece interessantes análises quando a termos da e na moda tais como diálogo, sujeitos na missão.

A seguir, aproveitando as pesquisas atuais do uso da narrativa, do *homo narrans*, temos a contribuição de José Luiz Cazarotto buscando tirar proveito da mesma para o aconselhamento. O estudante de teologia Denis Francisco Rosa Oliveira nos apresenta linhas gerais de Antônio Vieira e sua importância em seu tempo e José Chapron nos brinda com a reflexão e mesmo um resgate do espaço das benzedeadas na religiosidade popular. Por fim, temos a apresentação de dois excelentes livros que podem iluminar a compreensão de muitos conflitos do mundo atual.

Para encerrar, fiquemos com mais um dos *fioretti* do Para Francisco: *A Igreja deve despojar-se de vestes e revestir-se de Cristo Jesus, e estar a serviço do Reino. Despojar-se da vaidade, do carreirismo, da mesmice e da mundanização. Prepotência, orgulho, mundanidade são ídolos, especialmente o dinheiro, a aparência e a vaidade. Tenha pois o leitor, bom proveito com este novo número da nossa Espaços que tem em*

mão.

José Luiz Cazarotto